



Jornais

• O Globo, Rio de Janeiro Ao mestre Pastinha, com carinho – capoeiristas de São Paulo homenageiam o professor 6 de abril, 1971

Velhos mestres

O GLOBO - Rio de Janeiro - 06/04/1971

AO MESTRE PASTINHA, COM CARINHO - CAPOEIRISTAS DE SÃO PAULO HOMENAGEIAM O PROFESSOR

De tudo tem a capoeira, ninguém sabe com certeza. Para alguns, como Cândido Cavalcanti, essa forma de luta teria sido introduzida no Brasil pelos escravos de Angola; outros acreditam que trata de alguma outra espécie de dança, só aqui adaptada para fins marciais. O que não se pode negar é que a capoeira seja muito provavelmente brasileira, o único esporte de luta brasileiro.

A estrutura social do Brasil-colônia, rigidamente dividida em escravos e livres, levou os seus detidos ao julgo na penitência de Minas da fazenda, cercada pela mesma violência, pela recusa a corpo-a-corpo contra a espada armada, o que obrigava a evitar o golpe, abalando-se a ginástica, entre de respirar.

Desde o início do século XIX, encontraram-se referências à capoeira, sobretudo em seus centros de prática — Salvador, Rio de Janeiro e Recife. Já nessa época havia prestado uma classe superior — havia até trazes expostas — e se tornara instrumento de luta de escravos. As aulas de capoeira, sobretudo no Rio, eram um pouco públicas.

Silvio Buarque qualifica de "lutar" as segunda metade do século passado, que era, sobretudo, que suas primeiras "aulas" ministradas como aulas e outras em meio de ensino particular e clandestino. Tal espécie de prática era ensinada em um espaço de tempo, apenas, somente praticada pelo chefe de família, Sena José Ferraz, que, durante o ano de 1895, ministrou aulas aos seus alunos, prendendo ensinamentos físicos e morais, brancos e pretos, erminando os dois.



Na Bahia, é possível encontrar também, muito mais primitivo, de ritual, que perde por isso sua eficiência como luta. Lá se encontra a ideia de dança com o jogo corporal, uma das singularidades mais marcadas da capoeira, entre as artes marciais dos países, de lá se destacaram, ou desenvolveram os elementos que fazem da capoeira um esporte marcial — ainda em potencial — de expressão física, ao mesmo tempo gesto de expressão.

Mas a capoeira brasileira, apesar de ter sido de origem, que procuram sua difusão desde o Rio de Janeiro e difundida por todo o Brasil, está em perigo. É que a agonia oficial de que deriva é quase nula, e a própria atitude de juventude esportiva não a favorece, preferindo o conjunto da luta, do Judo, ou, que não seja esta modalidade está em moda.

Tal situação é grave, pois uma luta física e capoeira não se renova, se não a manter, ela perde no mundo e no corpo de mestre como Pastinha e Bimba, não são aqueles jovens tradicionais que participam no mesmo ritmo de dança. E, nesse sentido, a renovação é possível, mas não é possível, pois Pastinha e Bimba não estão mais vivos.



Amadeu Amaral, ARTE / INF. Mestre Pastinha ensina ao menino — talvez um de seus netos — a sua espantosa agilidade

AO MESTRE PASTINHA, COM CARINHO - CAPOEIRISTAS DE SÃO PAULO HOMENAGEIAM
O PROFESSOR



Cego, com mais de 80 anos de idade, quase na miséria, êle é um dos tesouros de nossa cultura popular: é Mestre Pastinha, o maior capoeirista da Bahia, que dia 20 será homenageado em São Paulo. Lá, Vicente Ferreira Pastinha será recebido com honra por todos os mestres capoeiristas e nomeado presidente de honra da nova Federação de Academias de Capoeira.

Mestre Pastinha em sua casa de taipa. Velhice e cegueira não o derrotaram.

No dia 6 de abril de 1889, o espanhol Pastinha, morador na Rua do Tijolo, Salvador, alegrava-se: sua mulher tivera um filho a quem êle deu o nome de Vicente Ferreira Pastinha, aportuguesando o patronímico para evitar problemas na hora do registro.

Menino "levado do diabo", como diziam a mãe e os vizinhos, Vicentinho começou cedo a tomar consciência dos conflitos humanos e a pensar — à sua maneira — nos paradoxos da força e da fraqueza; Honorato, menino bem maior, não perdia a ocasião de aplicar-lhe uma surra cada vez que êle ia ao armazém fazer compras. Até que um dia, Pastinha se propôs à missão que seria a da sua vida: demonstrar — as palavras são suas — que "fraco é quem anda armado e quer bater nos outros".

A paga da injustiça

Era a vez do mestre, no caso o africano Benedito, que, vendo a injustiça de que era vítima o menino, perguntou se queria aprender capoeira. Pastinha quis, e passou a frequentar a casa do velho. Até que Benedito, um dia, lhe disse: "Hoje você vai ao armazém, e não tenha medo." Foi uma beleza. Honorato apanhou o que merecia.

A noite, o pai do menino grande bate à porta do espanhol Pastinha para fazer a queixa de praxe. Mas êle não perdeu a compostura, e limitou-se a aconselhar ao outro que pusesse também o filho a aprender capoeira. O queixoso não acreditou, e foi preciso organizar uma demonstração, na qual Vicentinho liquidou Honorato logo de saída, com um rabode-arrala antológico. Resultado: os dois "velhos" ficaram amigos, e os dois meninos nunca mais brigaram.

Em 1902, o futuro Mestre Pastinha entrou para a Escola de Aprendizes de Ma-

rinheiros, onde ficou até 1910 e aprendeu o ofício de pintor. Em 1911 conseguiu realizar seu sonho: abriu uma academia de capoeira, no Pelourinho. E até hoje está lá a academia, no mesmo endereço — Pelourinho, 19.

Hoje, Pastinha não luta mais. Está pobre, velho, sofreu há quatro anos um enfarte, ficou cego. Mas o espírito leve e paradoxal da capoeira tem outras vias que não a meramente física, para expressar-se. Não é coisa — apenas — de braços e pernas, mas uma certa qualidade que adere ao homem e lhe transforma a vida.

E sobretudo uma forma de ver a vida, que a cegueira dos olhos não destrói, e que se expressa também em aforismos fulgurantes como um golpe ágil. Por exemplo: "Arma de homem são as pernas e os braços que Deus lhe deu. Sobre tudo as pernas, que também servem para correr"; ou ainda: "O importante é não estar onde o adversário bate."

Filosofia que de vulgar só tem a maneira de manifestar-se verbalmente, e que foi sempre a de Pastinha, ou melhor, foi sempre o próprio Pastinha. Por ela se explica como um homem que teve vida tão irregular (quatro mulheres, porque "sempre precisou de alguém que olhasse pelas suas roupas") seja ao mesmo tempo tão caseiro, tão afeitoso, com os muitos filhos e inúmeros netos, a quem procura transmitir algo de sua arte.

E que para Pastinha, como para Mestre Bimba e os outros grandes capoeiristas, o valor da vida não se contém em instituições ou formas rígidas de relação, não reside no teórico e abstrato, mas sim na eterna novidade do momento em que o corpo se move em meio às coisas. Pastinha não saberia fazer essa frase; faz mais — vive-a; e procura, velho e cego como está, ensinar os outros a vivê-la.

O texto

- o página 1

AO MESTRE PASTINHA, COM CARINHO – CAPOEIRISTAS DE SÃO PAULO HOMENAGEIAM O PROFESSOR

O Globo, Rio de Janeiro

06/04/1971

Cego, com mais de 80 anos de idade, quase na miséria, êle é um dos tesouros de nossa cultura popular: é Mestre Pastinha, o maior capoeirista da Bahia, que dia 20 será homenageado em São Paulo. Lá, Vicente Ferreira Pastinha será recebido com honra de nova Federação de Academias de Capoeira.

Foto: Mestre Pastinha em sua casa de taipa. Velhice e cegueira não o derrotaram.

No dia 5 de abril de 1889, o espanhol Pastiña, morador na Rua do Tijolo, Salvador, alegrava-se: sua mulher tivera um filho a quem êle deu o nome de Vicente Ferreira Pastinha, aportuguesando o patronimico para evitar problemas na hora do registro.

Menino „levado do diabo“, como diziam a mãe e os vizinhos, Vicentinho começou cedo a tomar consciência dos conflitos humanos e a pensar – à sua maneira – nos paradoxos da fôrça e da fraqueza: Honorato, menino bem maior, não perdia a ocasião de aplicar-lhe uma surra cada vez que êle ia ao armazém fazer compras. Até que um dia, Pastinha se propôs à missão que seria a da sua vida: demonstrar – as palavras são suas – que „fraco é quem anda armado e quer bater nos outros“.

A paga da injustiça

Era a vez do mestre, no caso o africano Benedito, que, vendo a injustiça de que era vítima o menino, perguntou se queria aprender capoeira. Pastinha quis, e passou a freqüentar a casa do velho. Até que Benedito, um dia, lhe disse: „Hoje você vai ao armazém, e não tenha medo.“ Foi uma beleza. Honorato apanhou o que merecia.

À noite, o pai do menino grande bate à porta do espanhol Pastiña para fazer a queixa de praxe. Mas êle não perdeu a compostura, e limitou-se a aconselhar ao outro que pusesse também o filho a aprender capoeira. O queixoso não acreditou, e foi preciso organizar uma demonstração, na qual Vicentinho liquidou Honorato logo de saída, com um rabo-de-arraia antológico. Resultado: os dois „velhos“ ficaram amigos, e os dois meninos nunca mais brigaram.

Em 1902, o futuro Mestre Pastinha entrou para a Escola de Aprendizes de Marinheiros, onde ficou até 1910 e aprendeu o ofício de pintor. Em 1911 conseguiu realizar seu sonho: abriu uma academia de capoeira, no Pelourinho. E até hoje está lá a academia, no mesmo endereço – Pelourinho, 19 [M Pastinha na verdade abriu sua academia lá só em 1955 – velhosmestres.com].

Hoje, Pastinha não luta mais. Está pobre, velho, sofreu há quatro anos um enfarte, ficou cego. Mas o espírito leve e paradoxal da capoeira tem outras vias que não a meramente física, para expressar-se. Não é coisa – apenas – de braços e pernas, mas uma certa qualidade que adere ao homem e lhe transforma a vida.

É sobretudo uma forma de ver da vida, que a cegueira dos olhos não destrói, e que se expressa também em aforismos fulgurantes como um golpe ágil. Por exemplo: „Arma de homem são as pernas e braços que Deus lhe deu. Sobretudo as pernas, que também servem para correr“; ou ainda: „O importante é não estar onde o adversário bate.“

Filosofia que de vulgar só tem a maneira de manifestar-se verbalmente, e que foi sempre a de Pastinha, ou melhor, foi sempre o próprio Pastinha. Por ela se explica como um homem que teve vida tão irregular (quatro mulheres, porque „sempre precisou de alguém que olhasse pelas suas roupas“) seja ao mesmo tempo tão caseiro, tão afetuoso, com os muitos filhos e inúmeros netos, a quem procura transmitir algo de sua arte.

É que para Pastinha, como para Mestre Bimba e os outros grandes capoeiristas, o valor da vida não se contém em instituições ou formas rígidas de relação, não reside no teórico e abstrato, mas sim na eterna novidade do momento em que o corpo se move em meio às coisas. Pastinha não saberia fazer essa frase; faz mais – vive-a, e procura, velho e cego como está, ensinar os outros a vivê-la.

o ■

página 2

De onde vem a capoeira, ninguém sabe com certeza. Para alguns, como Câmara Cascudo, essa forma de luta teria sido introduzida no Brasil pelos escravos de Angola; outros supõem que veio de além-mar uma espécie de dança, só aqui, adaptada para fins marciais. O que não se pode negar é que a capoeira seja coisa genuinamente brasileira, o único esporte de fato brasileiro.

A estrutura social do Brasil-colônia, rigidamente dividida em escravos e homens livres, foi sem dúvida um fator na formação da técnica da capoeira, caracterizada pela esquiva contínua, pela recusa o corpo-a-

corpo: contra o opressor armado, o mais urgente era evitar o golpe, abaixando-se e gingando, antes de reagir.

Desde o início do século XIX, encontram-se referências à capoeira, sobretudo em seus centros de irradiação – Salvador, Rio de Janeiro e Recife. Já nessa época havia penetrado nas classes superiores – havia até frades capoeiristas –, e se tornado instrumento de ação de marginais. As maltas de capoeiristas, sobretudo no Rio, eram um perigo público.

Silvio Romero qualifica de „cancro“, na segunda metade do século passado, essa arte, informando que seus praticantes „usam navalhas como armas e sabem um jôgo de pulos, pontapés e cabeçadas todo original“. Tal espécie de capoeira criminosa, caracterizada de [...] era praticamente extinta pelo chefe de Polícia, Sampaio Ferraz, que, durante o ano de 1890, moveu-lhe guerra seus quartel, prendendo capoeiristas ricos e pobres, brancos e prêtos, criminosos ou não.

Na Bahia, a capoeira consertou caráter muito mais esportivo, ou ritual, sem perder por isso sua eficiência como luta. Só lá se encontra a união da música com o jôgo corporal, uma das originalidades mais acentuadas da capoeira, entre as artes marciais dos vários povos. Só lá se conservaram ou desenvolveram os elementos que fazem da capoeira um excelente método – ainda em potencial – de educação física, no sentido mais geral da expressão.

Mas a capoeira baiana, apesar do esforço de alguns, que procuram com dificuldade devolvê-la ao Rio e difundi-la por todo o Brasil, está em perigo. É que o apoio oficial de que desfruta é quase nulo, e a própria atitude da juventude esportivo do judô, do karatê ou que outra arte importada esteja em moda.

Tal situação é grave, pois uma coisa como a capoeira não se ressuscita, se vem a morrer: ela reside na mente e no corpo de mestres, como Pastinha e Bimba, não em qualquer teoria transmissível por palavras ou mesmo de cinema. [...]

Postado em 30/04/2017
Pg 05

Capoeira levado a sério
www.capoarte.com
